

MEDIAÇÕES

O nº 10 da 3ª série da *Biblos-Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* é subordinado ao tema *Mediações* e cumpre a intenção de reforçar a transversalidade epistémica da Revista, delineada já, nos números anteriores, pela atual direção executiva. Esse é, de resto, um dos argumentos desenvolvido na “chamada de artigos”, integrada no volume 9, identificando-se o conceito com a corrente dos *mediologues*, intelectuais e investigadores que teorizam os processos de produção e transmissão de culturas. A alusão ao neologismo que surgiu, primeiramente, na obra de Régis Debray *Le pouvoir intellectuel en France*, para depois ser sistematizado em *Introdução à Mediologia Geral*, permite, como é indicado na “chamada”, descentrar o conceito dos *media* para ter em consideração, na esteira do pensamento de, entre outros, Victor Hugo, Walter Benjamin, Paul Valéry, Marshall McLuhan, Walter J. Ong, André Leroi-Gourhan, Gilbert Simondon, “os processos de materialização das ideias ao longo do tempo, as mudanças operadas pelas tecnologias no campo das ideias e o papel da cultura nos processos de adoção, rejeição e adaptação das tecnologias”. Nessa medida, e tendo em conta a transdisciplinaridade intrínseca ao conceito de *Mediações* e ao *ethos* da *Biblos*, propôs-se a recolha de contributos que refletissem sobre as implicações teóricas e pragmáticas do tema, alargado aos campos artístico, cultural, político, social, religioso, tecnológico ou outros.

As propostas de artigos que recolhemos e que configuram a estrutura deste volume distribuem-se, sobretudo, por três grandes áreas de reflexão teórica e crítica: mediação e diálogos interartísticos; mediação e diálogos interculturais; mediação e diálogos interlinguísticos. Compreensivelmente – e de acordo com o espectro de atualizações do conceito de *Mediações* –, as fronteiras entre estas três áreas são marcadas por uma *movência* epistémica lógica e desejável, razão pela qual se optou por não as subdividir em tópicos e por, ao invés, acentuar o dialogismo como denominador comum à totalidade dos contributos, apresentados, desta feita, num único bloco.

No artigo que abre o conjunto de estudos – “*Temos uns mil volumes sofríveis*”: notas sobre a livraria de Camilo Castelo Branco –, Cristina Sobral aborda o conceito de *Mediações* a partir da “livraria virtual” de Camilo Castelo Branco, constituída por livros que o autor comprou, vendeu e doou, ao longo de mais de três décadas de atividade literária, espelhando o diálogo dos intelectuais portugueses com as culturas estrangeiras e assumindo-se o ‘livro’ como principal objeto de mediação cultural. Já Maria Bochicchio analisa o livro dos *Dezassete Sonetos Eróticos e de Fesceninos de Tiago Veiga*, publicado por Mário Cláudio, centralizando o seu estudo no exercício de mediação criativa que articula uma tradição remota ancorada na antiguidade latina com a *nova poesia obscena*, plasmada nos dezassete poemas que são alvo (também) de breves comentários individuais. Inscreve-se, igualmente, no campo das mediações interartísticas, o artigo *O filme documental no processo de mediação territorial, cultural e literária: o projeto Memórias da Azinhaga por Saramago*, onde se problematiza a relação de mediação, estabelecida pelo filme etnográfico, entre Saramago e Azinhaga, lugar onde nasceu, tornado, através dessa mediação, lugar de memória e de turismo literário. Por fim, na mesma linha de raciocínio, Patrícia Ribeiro Martins e Fernando Matos de Oliveira, em *Mediação artístico-cultural e curadoria em contexto escolar*, defendem que o papel da mediação artístico-cultural, resultando da superação do modelo histórico da animação cultural, pode hoje atuar no território educativo, em diálogo com os novos discursos e práticas curatoriais, colocando a ênfase numa estratégia permeável ao envolvimento, à co-criação, à sensorialidade e ao pensamento crítico dos envolvidos.

O cruzamento do diálogo interartístico com o diálogo intercultural nas práticas de mediação encontra-se bem visível na passagem deste primeiro conjunto de artigos para um segundo bloco que se inicia com o artigo de José d’Encarnação, dedicado à reflexão sobre *Mediações em monumentos epigráficos*: aí, o autor parte da natureza transversalmente cultural da epigrafia para analisar o processo de conceção, transmissão e receção de mensagens gravadas em pedra, focando-se particularmente, mas não exclusivamente, em exemplos de epigrafia romana, ao refletir sobre o trabalho do canteiro e do próprio epigrafista, numa sucessão de opções e acasos, relações mediadas e

entidades mediadoras. Já Nuno Saldanha, em *Uma capela romana para Évora. A nova capela-mor da Sé (1731-1735) e a consagração de Agostino Masucci como mediador da pintura romano-lusitana*, explora, a partir do trabalho de Agostino Masucci para a capela-mor da Sé de Évora (1731-1735), o papel do pintor enquanto mediador das culturas artísticas portuguesa e italiana, bem como o impacto da arte romana na pintura desenvolvida ao longo do reinado de D. João V, de uma forma geral, e do programa pictórico da capela-mor da Sé de Évora, em particular, não deixando de aclarar importantes aspetos relacionados com a cronologia, etapas, intervenientes e influências desta obra.

Segue-se, reforçando, nesse contexto, o campo do diálogo intercultural e da mediação – ou das mediações –, um conjunto de artigos onde se analisa, de formas diversas e, todavia, complementares, fenómenos de *Orientalismo* e de implícita relação cultural entre o Ocidente e o Oriente. Deste modo, em *As funções de 文 (WEN) na cultura chinesa tradicional: uma análise mediológica*, Giorgio Sinedino procura integrar, no campo teórico ocidental, o estudo sobre o papel dos símbolos chineses na mediação da construção cultural: o estudo inspira-se na abordagem mediológica de Régis Debray, para demonstrar como o ideograma *Wen* se transformou num elemento de mediação que, ao assumir as funções de mensagem, instituição, meio e tecnologia, passou, não apenas a integrar a dimensão virtuosa dos “homens wen”, como definiu o ideal civilizador da cultura chinesa. Pretendendo assumir igualmente os contributos de Debray, os autores do artigo *The Lily and the Rose as Cultural Symbols: Tracing Transmissions through Time*, Irene Silveira Almeida, Loraine Ethel Barreto Alberto e de Shusha Oliveira, procuram perceber o lírio e a rosa como objetos investidos de significado nos processos de mediação simbólica que atravessaram a *logoesfera*, a *grafoesfera*, a *videoesfera* e, mais recentemente, a digital *mediaesfera*. No mesmo contexto reflexivo, Martín Ricardo López Angelini explora, em *A Christian Narrative: the Orientalist (Re)Interpretation of Tian and Tianming by the Jesuit Order*, a interpretação jesuíta do conceito confuciano de “tian” 天 (habitualmente traduzido como “céu”) e “tianming” 天命 (“mandado do céu”), em algumas passagens da primeira tradução ocidental (1687) do texto *Lunyu* 論語 (*Analectas*): o autor pretende demonstrar o modo pelo qual os missionários jesuítas pretenderam

conciliar, na sua missão de evangelização, a filosofia de Confúcio com o cristianismo (o “cristo-confucionismo”).

A encerrar este conjunto de artigos, o trabalho de Carlos Ascenso André e Zhang Yunfeng – *O sinólogo e latinista Joaquim Afonso Gonçalves: contributos para a história da tradução e do diálogo intercultural em Macau* – propõe-se refletir sobre a importância do latim na história da tradução em Macau, no século XIX, e a utilidade do mesmo no diálogo intercultural, a partir da análise das obras, até agora escassamente trabalhadas, *Lexicon Manuale Latino Sinicum* (1839), *Lexicon Magnum Latino-Sinicum* (1841) e *Grammatica Latina ad usum Sinensium* (1828) do Padre Joaquim Afonso Gonçalves (Macau, 1813-1841), da Congregação da Missão Lazarista e professor do seminário de São José.

Entre estas reflexões em torno do conceito de Mediação-Mediações, onde se destaca o diálogo intercultural e o diálogo interlinguístico – aquele que encerra o conjunto de artigos inscritos no tema da *Biblos* –, situam-se dois textos que estabelecem implicitamente uma relação (também ela) de mediação entre os dois diálogos: o de Emilio Moreno Villanueva e o de Anthony Gomes e Anuradha Wagle. No primeiro – *Jewish Persecution and Mimetic Rivalry in the Iberian Kingdoms* –, o autor serve-se do potencial de análise social da teoria mimética de René Girard para abordar os processos de convivência, rivalidade, expiação e violência protagonizados pelas comunidades judaicas nos reinos de Aragão e Castela, em sucessivos contextos de crise, e conducentes, em última análise, à sua expulsão, em 1492. Em *Alternance codique: marqueur de médiation identitaire*, os dois autores exploram, através de uma análise do trabalho de Shumona Sinha, a dinâmica da língua, da identidade e do poder em contexto pós-colonial, centrando-se na alternância de codificação entre pessoas com identidades culturais híbridas e no modo como essas identidades são percecionadas e vividas, proporcionando um meio de expressão e negociação num panorama de diversidade cultural e complexidade identitária.

A passagem para os dois últimos artigos, nos quais os autores propõem uma reflexão sobre o conceito de mediação, agora aplicado ao diálogo interlinguístico, parece, então, lógica, contribuindo para o lógico termo deste conjunto de estudos dedicados ao tema que estrutura o nº 10 da 3ª

série da *Biblos*. Francisco da Costa Espada, em *Texto, Signo e Mediação. A proposta semiótica do concretismo*, parte do postulado de que o signo é uma peça fundamental na mediação textual, para, através de um enquadramento filosófico do texto literário, compreender o percurso teórico que possibilitou a Max Bense estruturar uma perspectiva intersemiótica da constituição do texto concreto, propondo-se um mapeamento do percurso da tessitura sígnica que contribuiu para a constituição de uma estética da mediação. Num outro plano, Ana R. Luís acentua o modo como, apesar de o conceito de mediação, não só constituir um dos quatro modos de comunicação definidos pelo Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (Council of Europe, 2001), como também de se revestir de crucial importância crítica em contextos escolares plurilíngues e interculturais, o mesmo ser algo descurado na aprendizagem da língua inglesa em contexto português. Nessa medida, o artigo *Mediation tasks across ELT resources: an analysis within the CEFR-CV framework* visa colmatar essa lacuna, ao documentar e analisar a integração de tarefas de mediação em dois manuais de Inglês recentemente publicados, usando como referência teórica o quadro conceptual definido no Companion Volume (Council of Europe, 2020).

A diversidade dos conteúdos que enformam este conjunto de estudos reforça a relevância da fundamentação teórica que, na “chamada de artigos” redigida para este volume da *Biblos*, se declina nos diferentes tópicos enunciados, demonstrando um compromisso entre a escolha do tema e a natureza de uma Revista de/das Humanidades. Nessa medida, a opção por entrevistar Mónica Ferro, Diretora do Escritório de Londres do Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA), desde agosto de 2023, não é alheia ao modo como o tema *Mediações* foi, desde logo, há cerca de um ano, equacionado pela equipa da coordenação executiva da revista. Paulo Nossa, que integra a equipa, conduz a entrevista, fazendo refletir, nas questões que formula, os objetivos subjacentes a este número e a função de síntese que o *lugar* da entrevista apresenta frequentemente na *Biblos*. A entrevistada destaca, *ab initio*, o importante papel que a mediação pode ter na busca de um compromisso contínuo para com a justiça social e a dignidade humana, visando garantir que as vozes das minorias sejam ouvidas e respeitadas. Neste

contexto, observa a mediação como uma ferramenta essencial para facilitar a comunicação entre diferentes partes e resolver conflitos, aspeto crucial no âmbito de um contexto geopolítico complexo, no qual, não se revela suficiente identificar problemas mas, acima de tudo, se devem equacionar soluções práticas e eficazes para melhorar a vida e a autonomia dessas populações. No intuito de alcançar estes objetivos, importa, como fica dito na entrevista, ter a capacidade de gerir quatro desafios essenciais: (i) a dificuldade de alcançar os mais marginalizados, que é exacerbada por legados de desigualdade de género, discriminação racial e desinformação; (ii) a capacidade de perceber e lidar com narrativas populistas e com a desinformação, ambas representando uma ameaça significativa ao investimento na dignidade global; (iii) a extrema complexidade e volatilidade do contexto geopolítico internacional; (iv) a necessidade absoluta de manter canais de diálogo, num contexto de crescente desinformação, o que pode ser desafiador em um ambiente onde as decisões precisam de ser rápidas e bem fundamentadas. Tais objetivos são, de resto, evocados, em registo de *nota final* e de desafio para o futuro, na última parte da entrevista. Sobre a possibilidade de continuar a assegurar um conjunto de direitos já conquistados, incluindo os pressupostos do Estado Social, com base em estratégias de mediação entre posições/fações opostas, Mónica Ferro responde:

Uma das grandes ameaças a este investimento na dignidade global vem das narrativas populistas, nativistas e da desinformação. É fácil publicar e partilhar conteúdos falsos, informações erradas ou análises tendenciosas que alimentam a ansiedade e geram alarme social, tornando as pessoas mais suscetíveis de ser mobilizadas para movimentos que lhes prometem soluções rápidas e fáceis. Claro está, se os problemas são complexos nunca poderão ser resolvidos com um passe de mágica e exigirão, outrossim, muito trabalho de mediação entre prioridades e propostas de ação. Num tempo em que tudo é acelerado e parece regulado pela exigência de um imediatismo que não é compaginável com a necessidade de investigar, planear e avaliar, corremos o risco de decisões precipitadas – e reitero, *mal informadas* – poderem ameaçar os direitos consolidados. Contudo, confio

na memória e na sabedoria humana que tem sabido manter longe do poder estas correntes anti-direitos. Não podemos deixar de estar vigilantes e informados. Só assim seremos capazes de garantir o tal mundo com mais equidade para todas as pessoas.

Seguem-se, a este momento de síntese e questionação sobre o conceito de *Mediações*, e mantendo a estrutura habitual da *Biblos*, cinco *Recensões* que contemplam publicações das áreas da Literatura, Cultura e História.

Por fim, o volume fecha com um “convite à apresentação de artigos” para o nº 11, 3ª série, da *Biblos*, a ser publicado em 2025. Decidiu a direção executiva atual associar-se às comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, propondo, para o próximo volume, o tema *Liberdade*. Não só o tema responde, de forma lógica, à ontologia da *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* e ao enquadramento humanista e nas Humanidades que lhe está subjacente, como o seu simbolismo (e o simbolismo do conceito) acentuam a dimensão de intervenção da Revista e o seu diálogo criativo com os dois eixos estruturantes em que as comemorações se apoiam – Memória e Futuro.

Marta Teixeira Anacleto
Coordenadora da Direção Executiva

